ANNO XVI de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 25 DE MAIO DE 1902 N.° 945 de "O Povo de Aveiro,,

O POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 146

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.° Anno

A QUESTÃO CLERICAL

(A proposito d'uns artigos publicados na *Folha*, periodico clerical de Vizeu).

Ha pouco mais de dois mezes referiu-se o correspondente do *Seculo*, em Vizeu, ás experiencias do ensino litterario por companhias a que se estava procedendo no regimento de infanteria n.° 14. Transcrevendo a correspondencia do *Seculo*, commentamo-la n'um artigo, que foi transcripto pelo *Mundo*, pelo *Commercio de Vizeu*, na sua quasi totalidade pelo *Norte* e, em partes, por outros periodicos do paiz. Esse artigo deu logar a um incidente curioso, em que se salientou um biltre de Vizeu, incidente que seria digno, pelos factos que o acompanharam, pela instituição de que o biltre faz parte, pela impunidade official em que ficou o biltre, impunidade offensiva do decoro e, por isso mesmo, ultrajante para todos os membros da instituição, d'um estudo importantissimo sob o ponto de rista do estado moral da sociedade portugueza, d'um verdadeiro exame pathologico d'uma collectividade que faz parte d'aquella instituição, incidente que, junto a outros que o antecederam e que o seguiram, imporia, fatalmente, a necessidade da dissolução da referida collectividade, dissolução imperiosa, imprescindivel, fatal, apezar da podridão em que se afunda o paiz todo, estudo que já teriamos feito, exame a que haveriamos, já, procedido, se não fôra a intervenção em contrario de um amigo que não queremos contrariar pelo muito respeito e consideração que, n'este periodico, todos lhe dedicam.

Deu tambem o artigo logar a umas observações do periodico a *Folha*, orgão dos clericaes de Vizeu, ás quaes respondemos accentuando a má vontade que o articulista do mesmo periodico manifestava contra as experiencias do 14, accrescentando que era a má vontade que a Egreja catholica apostolica romana manifestou sempre contra tudo que representa luz, progresso, civilisação. Em successivos artigos procurou a *Folha* refutar algumas das nossas affirmações. E a esses artigos vamos nós agora responder, com a demora que o assumpto requer e com a extensão que os mesmos artigos impõem. Mas fique novamente affirmada e fique provada a má vontade da *Folha*, a tal má vontade que é caracteristica dos clericaes, a tal má vontade que era, e é, afinal, o ponto importante do caso restricto de infanteria 14.

Procedeu-se n'este regimento, já depois da polemica levantada entre nós e a *Folha*, já depois, mesmo, da publicação dos artigos do collega em resposta aos nossos, ao exame dos soldados habilitados nas companhias pelo methodo João de Deus. Esse exame foi publico. Fez-se constar. D'elle se preveniram, segundo nos informou pessoa competente, os redactores dos periodicos de Vizeu. A elle se referiram o *Commercio de Vizeu*, o *Seculo*, o *Diario de Noticias* e não sabemos se outros periodicos do paiz. Pois a *Folha* não disse a tal respeito nem uma palavra!

Isto, conjugado com o que a *Folha* tinha dicto anteriormente, não acaba de provar a má vontade do periodico clerical?

Não ha que duvidar. A duvida, em tal caso, seria ingenuidade de lorpa ou hypocrisia.

E' verdade que os orgãos mais retintos dos *libaraes* fizeram a mesma coisa. Andaram os *libaraes* de Vizeu, e de toda a parte, o anno ultimo, quando foi da agitação provocada pelo caso Calmon, a berrar por escolas. Berraram e tornaram a berrar. Fizeram-se, de tanto berro, mais vermelhos do que já eram. Estiveram em riscos de congestão. E vae afinal, quando se lhes dão escolas, quando se lhes proporciona um meio excellente de propagar a instrucção em Portugal, por muito favor não descompõem os auctores do emprehendimento.

O nosso amigo sr. Homem Christo, já muito grato a varios *cidadões* de Vizeu por alguns serviços prestados por elle, deve estar gratissimo aos orgãos retintos dos *libaraes* pelo silencio profundo mantido por elles em volta das experiencias d'ensino litterario feitas em infanteria 14.

Vamos, que é favor. Podiam muito bem descompor o sr. Homem Christo e os pouquissimos officiaes que o acompanharam no seu benemerito intento. E não o fizeram! Vamos lá, vamos lá, que é favor.

Portanto, a *Folha* está em boa companhia e d'essa companhia póde tirar argumentos. Se o nosso silencio, dirá ella, é prova da má vontade da Egreja contra a instrucção, o que prova a má vontade dos *libaraes*?

Prova a má vontade, ou, pelo menos, o *desprezo*, a indifferença da *libardade*. Isso evidentemente. Mas da *libardade*, só da *libardade*.

Não façâmos á liberdade, á democracia, á causa santa do progresso dos povos, da emancipação humana, a offensa de considerar seus adeptos a generalidade dos *libaraes* portuguezes.

E, posto isto, a que não voltaremos, a que já fizemos, talvez, mais referencias do que o caso merece, no numero seguinte entraremos abertamente na questão.

Até domingo.

MINISTRO DA GERRA

Parece que chega esta semana a Aveiro o sr. Pimentel Pinto, ministro da guerra.

Tem direito a ser recebido com sympathia e affecto pela notavel deferencia que tem tido para com a nossa terra.

E ha de sê-lo, estamos certos, porque os aveirenses sabem ser reconhecidos aos beneficios que recebem.

No nosso ultimo numero sahiram alguns erros typographicos, que os leitores facilmente terão corrigido.

O CONVENTO DAS CARMELITAS

UMA QUESTÃO CLERICAL

Graves tumultos.—Manifestações aggressivas.—O bispo conde perseguido e ultrajado pela multidão.

Mal imaginavamos nós, ao escrever o ultimo artigo, que o bispo de Coimbra receberia tão cedo a amarga desillusão de que passaram os tempos da edade média, de que o povo não está resolvido a supportar o mando do poder clerical, de que a briosa população de Aveiro, sempre liberal e altiva, não está resolvida a rastejar seja deante de quem fôr. E o bispo conde mal imaginaria tambem quanto é completamente nulla a sua influencia e a sua auctoridade sobre os aveirenses.

S. ex.ª soffreu um gravissimo desacato, um fundo ultraje, s. ex.ª seria mesmo offendido corporalmente, ninguem sabe até que ponto, sem a intervenção immediata da tropa; mas só tem que se queixar de si mesmo, que se illudiram.

Evidentemente, sem o incidente da procissão de Santa Joanna não teria havido o que houve. Mas, evidentemente tambem, esse incidente—e é a voz geral, a esta hora, em todo o paiz—não explica que o bispo fosse perseguido aos gritos de *morra*, *morra*, que a cidade em peso se erguesse amotinada contra um homem de tão alta posição e hierarchia. O que explica esta grande indignação publica? A má vontade, que lavra, de ha muito, contra o bispo; a ultima questão do convento das carmelitas; tudo assoprado pelo espirito profundamente anti-clerical que, de longa data, domina, felizmente, a nobre e altiva cidade de Aveiro, principalmente nas classes trabalhadoras, que honraram sempre a nossa terra pelos seus impetos de revolta contra todas as tentativas de absorpção clerical.

O bispo era antipathico por ter levado para Coimbra o que pertencia á Sé d'Aveiro, por já ter contrariado, ha tres annos, por motivos futeis, a mesma procissão de Santa Joanna, e por ser bispo, razão que explica as outras todas. Ultimamente, a extraordinaria, a insolita conducta de s. ex.ª, na questão do convento das carmelitas, acabou de irritar os animos. Estava o copo cheio. Qualquer gotasinha o faria transbordar. O minimo incidente provocaria a explosão.

Esse incidente trouxe-o a teimosia, a inhabilidade de s. ex.ª na questão do itinerario do cortejo, no ultimo domingo. Inhabilidade proveniente d'aquelle espirito despotico que domina a toda a clericalha. A tendencia do padre é sempre para mandão, e para mandão despotico. Embora o bispo tivesse combinado outro itinerario com os directores da procissão, desde que esta, bem ou mal, tinha seguido outro caminho, a mais rudimentar delicadeza, e o mais elementar bom senso, recommendava ao bispo que acceitasse o facto consummado. Não se mandam voltar para traz tantos homens em satisfacção ao capricho d'um só. Retroceder, n'aquelle altura, não só era uma manifesta desconsideração para as irmandades, mas um desastre no bom effeito da procissão, effeito que ficava perdido desde aquelle momento. Que inconveniente havia em que a procissão seguisse por onde era costume tradiccional ella seguir? Teria o bispo de andar mais meia duzia de passos? Grande coisa, na verdade. Eram leguas, eram kilometros. Ficava o bispo morto de cansaço! Faltava-se ao respeito devido a s. ex.ª, visto s. ex.ª ter combinado outra coisa com os directores da procissão? Mas teriam estes prevenido as irmandades? Não preveniram. Está averiguado que não preveniram. E, n'este caso, a leviandade do bispo é indesculpavel, o seu auctoritarismo é altamente condemnavel, por isso que o seu primeiro dever era averiguar, desde logo, responsabilidades, e dar, desde logo, razão a quem a tinha. Mas supponhamos, mesmo, que as irmandades estavam prevenidas, que sabiam da alteração, este anno, do itinerario do cortejo, que muito propositadamente tomaram o caminho do costume. Se o bispo fosse um homem prudente e conciliador, seguia com a procissão por onde ella tinha tomado, embora protestando pelos meios que quizesse, embora reservando-se a liberdade de proceder, de futuro, como entendesse. Era mesmo o seu dever, como chefe espiritual. Todos poderiam perturbar o bom andamento da procissão. Todos a poderiam prejudicar ou desmanchar. Todos poderiam desgostar os fieis. Menos elle, um bispo, o bispo da diocese! Menos elle, que tinha rigorosa obrigação de dar o exemplo da cordura, da paciencia, da conciliação! Menos o padre, menos o bispo, que não podia offender a Deus com um acto de intransigencia, perturbador do respeito que era devido ao culto! As irmandades, seguindo bem ou mal pela rua de St.ª Catherina, não ultrapassavam a linha do decoro e do respeito, que o acto impunha. O bispo é que sahiu fóra d'essa linha, pelo espirito anti-religioso de impôr a sua vontade, e só a sua vontade.

Quem escreve estas linha não quer saber de procissões, nem de actos internos ou externos de qualquer culto, de qualquer religião. Dispensa tudo isso, e, sem isso, póde ser um homem digno, amante da justiça e da verdade, desejando o bem de seu semelhante como aquelles que mais o desejam. Mas, collocando-nos no ponto de vista dos fieis, não podemos deixar de concordar em que estes tiveram razão, muita razão, toda a razão. Se nós lá fossemos, nas irmandades, fariamos o mesmo que todos fizeram. Voltar para traz, nunca. Nunca, ou a procissão tivesse seguido um caminho errado, ou não. Nunca! Para fazer a vontade ao bispo, nunca, sendo certo que era aquelle o caminho tradiccionalmente seguido, e que só por birra, ou por outro qualquer motivo, o bispo queria que se não seguisse este anno.

Nunca!

As irmandades tiveram carradas de razão.

Mas teriam egualmente razão, por motivo tão futil, para os acontecimentos que se seguiram? Não tinham, se o motivo fosse unicamente esse. Mas não foi. Ninguem póde dizer o contrario. Dizer o contrario é pretender que a população d'Aveiro é em extremo irritavel, é descommedida, e nunca o foi. Esse motivo influiu, não ha duvida. Mas junt u se a outros, que já existiam. Foi a causa occasional. E nada mais.

Os aveirense, que já vinham de longa data descontentes, irritaram-se, e ninguem dirá que sem justiça, com a attitude do bispo na questão do convento das carmelitas. Irritaram se, sobretudo, com as pretenções de supremacia que o bispo se arrogou, com os ares de mandão, de

dictador, com que se dirigiu ao presidente da camara municipal. Os aveirenses viram, na resposta do bispo ao sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, a confirmação eterna do espirito absorvente da clericalha. São sempre os mesmos: a querer mandar, a querer dispôr, a querer pisar tudo aos pés. Ainda não estão passados os echos da revolta de todo o paiz, a proposito do caso Calmon, e já nos apparece o bispo conde a querer manter o convento das carmelitas na sua posse illegitima, contra os interesses da cidade, a dar-nos conselhos com caracter d'ordem, a falar-nos com se fosse o senhor de Aveiro.

O povo irritou-se, e com justissima razão.

Ninguem se oppõe á construcção da egreja da Vera-Cruz. Façam a egreja quando queiram. Mas vir-se-nos dizer que é essa a obra de primeira necessidade em Aveiro, vir-se-nos dizer que o collegio de Jesus, esse fóco de inimigos da liberdade, do progresso, da civilisação, é o *estabelecimento de maior importancia* na terra de José Estevão, é affrontar-nos, é mangar comnosco, é cuspir-nos, e Aveiro nunca consentiu que a affrontassem impunemente.

Nunca! Pelo menos, emquanto estiver viva a mão que traça estas linhas, sem protesto frisante e energico. E ainda bem que hoje, como sempre, nos encontramos, desinteressadamente, ao lado da opinião publica d'esta terra, pugnando com ella pela liberdade e pelos interesses da cidade.

Não faltarão novos odios contra nós. Não faltarão investidas de reaccionarios e tratantes. E' o mesmo. Os latidos d'esses miseraveis fraldiqueiros nem um segundo nos farão hesitar no caminho, que, de ha muito, vimos trilhando sem parar.

A construcção da egreja da Vera Cruz mais necessaria e urgente que a construcção de casas para escolas, para asylos, para tribunal, para prisões! Acima da hygiene dos pobres asylados e dos pobres presos, acima da commodidade das creancinhas, sem casa para escola, a conveniencia do *reverendo e virtuosissimo* padre Bento Rodrigues, cheio de dinheiro para encontrar commodidades onde queira, e das *santas carmelitas*, ás quaes não faltam cellas e conventos para rezar!

O collegio de Jesus, que rende rios de dinheiro á jesuitada, o collegio de Jesus, que é uma fabrica de inimigos da civilisação, da liberdade, da patria, do povo portuguez, por conseguinte, o estabelecimento de maior importancia na cidade!

Isto não se diz, sem ferir ao vivo os sentimentos liberaes da terra onde nasceu e onde jaz sepultado o grande orador da liberdade.

Isto não se diz, sem affrontar, sem irritar uma cidade inteira.

E ainda bem que se não diz impunemente.

O sr. bispo viu perfeitamente que errou o alvo. O sr. presidente da camara viu tambem que póde contar, a valer, com a opinião e com o applauso dos munícipes.

A'vante, sr. presidente da camara! Aproveite v. ex.ª a occasião, v. ex.ª, que está honrando o seu nome com uma brilhantissima gerencia dos negocios municipaes, aproveite v. ex.ª a occasião para completar os seus brilhantes serviços honrando, além do seu nome, a causa liberal que defende.

E voltaremos ao assumpto.

A'vante!

A'vante!

O desacato ao Bispo

Os reaccionarios, entre os quaes figura como elemento dominante a quadrilha dos francaceos, estão enviando para todos os periodicos do paiz telegrammas falsos sobre os acontecimentos do ultimo domingo, tentando tirar importancia á manifestação, desvirtuando-a, e rebaixando as classes populares que n'ella tomaram parte.

Veja-se, por exemplo, este telegramma publicado pelas *Novidades*:

Aveiro, 20, ás 11 h. e 50 m. da m.—Toda a cidade lamenta acontecimentos desagradaveis de domingo, estigmatisando-os. Vae ser dirigida mensagem ao sr. bispo-conde n'esse sentido, indo a Coimbra numerosa commissão apresental-a.

A demonstração hostil ao bispo partiu d'um grupo de populares, descontentes por procissão se haver fraccionado, facto este que foi devido a alteração do itinerario marcado. Bispo mandou se observasse esse itinerario. O incidente não teve relação alguma com a projectada concessão do convento das Carmelitas, nem tão pouco a procissão devia ali passar.

Meia hora depois de recolhida a procissão tudo estava serenado. Aos manifestantes não se aggregou ninguem de representação social, por modesta que fosse.

Numerosas pessoas foram logo cumprimentar o bispo e manifestar-lhe o seu sentimento. A policia procedeu a averiguações.

(*Correspondente*).

Este telegramma, que é uma série de asneiras e de mentiras, foi, ao que nos consta, forjado em casa do *Tinhoso* pelos elementos ignobeis que todos nós conhecemos.

«*Toda a cidade*, diz o correspondente, lamenta acontecimentos desagradaveis de domingo, estigmatisando-os.»

Mas se *toda a cidade* lamenta e estigmatisa, *ninguem* da cidade tomou parte nos taes acontecimentos. E' logico. Então quem foi? Querem vêr que *vieram pelos arames* os morras e as pedradas ao bispo?

Sucia d'imbecis!

«A demonstração, diz ainda o famigerado correspondente, partiu d'um grupo de populares...»

Então se partiu *d'um grupo* de populares, porque não foi abafada ou contida por outros grupos dos mesmos populares? Essa é bôa! Então um grupo de populares lembra-se de dar morras ao bispo, de correr sobre elle, de o apedrejar e *toda a cidade*, que estigmatisa tal procedimento, *toda a cidade*, que está, e estava, indignada, do lado do bispo, cruza os braços e deixa correr o marfim? Seria caso, se fosse verdade, para se dizer: que sucia de pulhas!

A *cidade toda* é favoravel ao bispo. E n'uma cidade, *toda* favoravel ao bispo, só accode a tropa para proteger o mesmo bispo. Se não é a tropa, os *discolos* podiam até matar o bispo, que a cidade consentia!

Asnos mais completos nunca os houve. Estamos fartos de o dizer e os factos a confirmarem todos os dias a nossa affirmação.

O incidente, diz ainda o tal correspondente, não teve relação alguma com a projectada concessão do convento das Carmelitas.

Esta é tão idiota que até o director das *Novidades* a repudiou. Segundo as *Novidades*, «a origem da questão provém effectivamente da disputa sobre a posse do convento das Carmelitas.»

Pois claro. Só um idiota poderá acreditar que uma simples divergencia, sobre o itinerario de uma procissão, fosse capaz de provocar um tumulto de tal seriedade e gravidade. Só se os de Aveiro estivessem doidos!

Mas os mariolões que hão de dizer, se foram elles que aconselharam o bispo a publicar a resposta ao presidente da camara, se foram elles que convenceram o bispo de que a sua popularidade ficaria firmada com a publicação d'esse documento? Agora, não tem outro recurso senão dizer que a questão do convento das Carmelitas não entrou no caso para coisa alguma!

A verdade é a que vae referida n'outra parte d'este periodico. Sem o incidente da procissão, o bispo passaria incolume. Temos a certeza d'isso, e só temos essa certeza por sabermos que ninguem preparou, nem tentou, manifestações desagradaveis de qualquer ordem. Porque se as tentasse, ellas dar-se-hiam a proposito fosse do que fosse, ou sem proposito nem motivo algum, por estar a opinião publica preparada para ellas. Já o anno passado se viu, por occasião das festas da mesma Santa Joanna. Toda a gente se lembra—e foi referido pelo *Seculo* e outros periodicos—que tendo alguns carolas contratado uma das philarmonicas da cidade para ir tocar á porta da residencia do bispo, á chegada d'este, o povo assaltou nas ruas a philarmonica, obrigando-a a retroceder e soltando clamorosos gritos de *viva a liberdade* e alguns de *morra o bispo*. Toda a gente sabe isto em Aveiro.

Para que servem, então, as intrujices dos mariolões?

Este anno não haveria manifestações contra o bispo porque ninguem as preparou. Mas veio o incidente da procissão e o publico, já de si anti-clerical, já sympathisando pouco com o bispo, já irritado pela questão ultima do convento das carmelitas, lançou-se immediatamente na corrente das suas inclinações. Eis tudo. Nem mais, nem menos.

De resto, as manifestações foram unanimes e decididas. Não duraram meia hora, como pretende o tal correspondente, mas perto de tres horas, como disse com exactidão o correspondente do *Seculo*. E produziriam uma verdadeira desgraça se a tropa não está na rua para proteger o bispo rapidamente.

«Aos manifestantes, accrescenta o tal correspondente, não se aggregou ninguem de representação social, por modesta que fosse.»

Quer o *Cabecinha* ou o *Tinhoso* dizer que foi a *canalha*, a *ralé*, e só a *canalha*, e só a *ralé*, quem se manifestou contra o bispo.

O povo que lhe dê os agradecimentos.

Agora todos hão de malhar no pobre Zé. Todos hão de querer alijar responsabilidades. Todos hão de rastejar deante do bispo.

Pois faremos nós causa commum com o povo. E ficamos em muito boa companhia.

Foi elle, só elle, que fez a manifestação? Por isso mesmo esta teve valor. Foi uma manifestação popular, impetuosa, sincera, espontanea. E' esse o seu valor. O seu grandissimo valor!

Não incitámos ninguem. Não preparámos manifestações de qualidade alguma. Não as esperavamos, nem as suppunhamos. Mas já que vieram, não seremos nós que commettâmos a insigne covardia de desatar aos pontapés nos manifestantes.

Diz as *Novidades* que o bispo de Coimbra é homem de principios liberaes. A respeito de *principios liberaes* temos conversado. Basta lêr a resposta do bispo ao presidente da camara municipal de Aveiro. Principios liberaes em bispo, é troça. E' mangação. Mas seja o bispo quem fôr. Se o povo se excedeu, a culpa é de todos os que andam a fazer propaganda contra a clericalha. E, sendo assim, não ha covardia mais ignobil que lançar agora para cima d'elle a responsabilidade exclusiva de tudo quanto aconteceu.

Por nós, não só o não faremos, como o havemos de defender, calorosamente, contra todas as investidas de clericaes e quadrilheiros, de todas as côres e de todos os feitios.

Entre estes avultam os bandoleiros dos francaceos, republicanos *e pedreiros livres* de hontem, *sevandijas* de hoje, esses bandoleiros que são os agentes de todas as patifarias e mentiras que se estão urdindo em volta d'esta questão.

Já se fala em devassas, em cadeia, em procedimentos judiciaes contra os manifestantes.

Fazem mal. Estão a brincar com o fogo.

Mas façam o que quizerem. Pela nossa parte, outra vez o dizemos, estaremos resolutamente ao lado do povo defendendo-o das infamias e das calumnias dos tartufos.

Se o povo se excedeu, a culpa, em particular, foi do bispo e de mais ninguem. Ninguem excitou o povo contra o bispo. Foi o bispo que o excitou contra si proprio. Ninguem preparou manifestações contra o bispo. Foi o bispo, com a sua falta de habilidade e de prudencia, que as preparou contra si mesmo.

Esta é a verdade.

O nosso dever é dize-la e havemos de dize-la bem alto, sem hesitações, sem condescendencias, sem covardias, sem receios, como é nosso costume.

Deixem-se de devassas e de processos judiciaes. Quando não armam uma tal tempestade que bem pódem naufragar no meio d'ella.

Ora verão!

THEATRO AVEIRENSE

Os dois espectaculos que a companhia Rosas & Brazão ahi exibiram no ultimo sabbado e domingo, foram assás surprehendentes. O publico riu a bom rir com a engraçada comedia *Castello Historico*, assim como com *Os Velhos*, e ficou deveras maravilhado com o luxo e irreprehensivel interpretação da *Ceia dos Cardeaes*, a que os trez geniaes artistas imprimiram um verdadeiro cunho de verdade.

N'*Os Velhos* sobresahiu João Rosa no explendido quão difficil papel de prior, velho e cego. Simplesmente admiravel!

Todos os artistas foram muitissimo applaudidos, e os principaes tiveram chamadas especiaes, repetidas, não se cançando o publico de manifestar-lhes o seu muito agrado.

A sala quasi ao *grand complet*. A companhia retirou na segunda-feira para Coimbra, aonde tem dado alguns espectaculos.

E' credora de encomios a direcção do nosso theatro, em se abalançar a trazer a Aveiro companhias de primeira ordem.

Francisco Couceiro
ADVOGADO
RUA DIREITA — 107
AVEIRO

Cartas d'Algures

23 DE MAIO.

Por aqui, por toda a parte, ao que vejo dos jornaes, o assumpto do dia é a *tremenda carga* que os aveirenses deram no bispo de Coimbra.

Os aveirenses, é conforme. O *Norte*, republicano, diz que foram os *catholicões*. Os reaccionarios tambem dizem que não foram os aveirenses. N'isto, como em muitas outras coisas, andam republicanos de mãos dadas com reaccionarios.

Aquella do *Norte* é boa. E' como as do costume em republicanos portuguezes. Mas nem por isso deixa de ser boa. Muito boa! Muito boa! Andou o caro collega a despedir raios contra o clericalismo. A bramar pelo povo. E quando o povo apparece trata-o com tão soberano desprezo!

A questão de Aveiro não foi uma questão d'irmandades. Isso é o que pretendem os reaccionarios. E' vêr o esforço com que elles expedem telegrammas dizendo que o convento das Carmelitas nada tem com o caso; que a manifestação proveio exclusivamente da divergencia do itinerario do cortejo religioso; que foi obra d'um grupo, só de um grupo de individuos; que todas as classes e todos os partidos vão dirigir uma mensagem ao bispo, etc.

E' essa a grande tentativa, é esse o grande esforço dos reaccionarios. E o *Norte* põe-se ao lado d'elles a confirmar!

Bravo, bravo, collega. Muito bem!

Estes nossos republicanos são unicos. Unicos! Unicos! E cada vez estão *mais unicos*.

Levanta-se a cidade inteira contra o bispo. Não são os membros das irmandades. Não são os que vão na procissão, exclusivamente. E' o povo, é a multidão, é tudo quanto está nas ruas. Toda essa gente faz, aos gritos de *morra o bispo, abaixo o clero, morram os jesuitas, viva a liberdade*, uma das manifestações anti-clericaes mais estrondosas e mais energicas que tem havido em Portugal. Sim, mais energicas. Porque o povo não fugiu da policia nem da tropa. Diga-se para honra dos aveirenses. Porque o povo investiu com o bispo a valer e decididamente o mata se o apanha. Foi muito bom que o não apanhasse. Sinceramente o estimamos. Nunca nos gloriamos nem satisfazemos com uma desgraça pessoal. Mas a verdade, e é só isso que queremos frizar bem, é que a manifestação d'Aveiro não foi uma manifestação platonica, mas uma manifestação decidida como não é vulgar vêr-se entre nós. Faz o povo isso, não por uma divergencia d'itinerario de procissão, que foi o simples pretexto, como concordam todos os jornaes estranhos a Aveiro, apesar dos esforços em contrario dos reaccionarios d'ahi que não querem dar á manifestação caracter anti-clerical, faz o povo isso precisamente em resultado da campanha anti-clerical do *Norte* e d'outros e sabe-se agora os mesmos que o excitaram a trata-lo com desprezo, a tirar vulto e caracter á manifestação.

Não ha que vêr: estes nossos republicanos são unicos, e cada vez *mais unicos*.

Os esforços dos reaccionarios e dos especuladores politicos d'ahi, e entre estes avultam os taes francaceos, vejo eu perfeitamente e perfeitamente os comprehendo, mesmo de longe, mesmo d'aqui. Que a manifestação contra o bispo fosse o effeito da questiuncula da procissão, vá. Do mal o menos. Desde que a manifestação se deu e se não póde negar, antes dar-lhe esse caracter. Mas que fosse o resultado da hostilidade velha da opinião contra o clericalismo, mas que proviesse mesmo da questão

do convento das carmelitas em que estão envolvidos alguns progressistas, é que os reaccionarios não querem, nem francaceos, sem que eu queira agora separar francaceos de reaccionarios, porque não ha em Aveiro, presentemente, gente mais reaccionaria que a do bando politico de Jayme de Magalhães Lima. Isso é que elles não querem.

Mas nada conseguem. De todos os jornaes que tenho lido até hoje. *Seculo, Dia, Diario Popular, Novidades*, etc, nenhum admitte, apezar dos telegrammas expedidos d'ahi pelos reaccionarios, que a causa da manifestação fosse o itinerario do cortejo. Apenas concordam em que fosse o motivo occasional.

E teem razão.

Dizem que se prepara uma mensagem de gente de *todos* os *partidos* e de *todas* as *classes* e que vae ser levada a Coimbra por uma grande commissão.

Pois agora é que é dar-lhe.

O povo que faça outra mensagem ao presidente da camara, animando-o contra o bispo e que não se esqueça da musica dos assobios para honrar condignamente a partida e a chegada da tal commissão.

E' dar-lhe, é dar-lhe. Nada de desanimos.

E' dar-lhe para a frente.

Que não se gabem, como não se gabaram na questão das irmãs da caridade.

E' dar-lhe para a frente.

A. B.

Fallecimento

O sr. José Fernandes Mourão, digno administrador em Espinho e nosso patricio, acaba de passar pelo desgosto de vêr desapparecer d'esta vida um seu filho, uma creança de 12 annos.

Frequentava o lyceu d'esta cidade e era muito querido dos seus collegas.

A seus paes e tio, o nosso amigo sr. João Nepumoceno Mourão, o nosso cartão de pezames.

Escola Districtal de Aveiro

Por ordem superior vai ser aberto concurso para o exame de admissão no 1.º anno d'esta escola. Os candidatos devem dirigir os seus requerimentos ao director da escola até 15 de junho, e juntar-lhe a certidão de exame de Instrucção Primaria, certidão de edade e attestado médico. Os exames são feitos pelos programmas de Instrucção Primaria e são documentos indispensaveis para a matricula no 1.º anno.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surprehendente Exposição Fabril
Singer,
installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte

De manhã ás	De tarde ás
3-45 m. (tram.)	1-25 m. (tram.)
5-51 m.	7-37 m.
8-58 m.	10-5 m.

De Aveiro para o Sul

De manhã ás	De tarde ás
6-49 m.	3-46 m.
	5-34 m. (rap.)
	10-43 m.

SCIENCIAS & LETTRAS

Uma pavorosa... no paraiso!

(*Conclusão*)

S. Pedro foi para a sua porta. S. José foi ao seu quarto, pegou n'um bordão de viagem e d'ahi foi ter com a virgem Maria.

A virgem cantava a *Stabat Mater* de Pergolése, que acabava de chegar ao ceu. Serviam lhe de côro as onze mil virgens; os seraphins, os cherubins, as dominações, os anjos e os archanjos serviam-lhe de instrumentistas; o anjo Gabriel regia a orchestra.

—Pst! disse S. José.

—O que temos? perguntou a Virgem.

—Vamos nos embora.

—Para onde?

—Que lhe importa?

—Mas...

—E' minha mulher ou não é?

—Sou.

—Pois então a mulher deve obedecer ao marido.

—Sou sua humilde serva e irei para onde quizer.

Nossa Senhora seguiu S. José, de olhos baixos e com a sua resignação habitual, prompta sempre, no ceu como na terra, a dar o exemplo do dever e da virtude.

—Então vens sósinha? perguntou S. José.

—Vou como viin.

—Nada, nada, traze a côrte comtigo.

Nossa Senhora fez um signal, e as onze mil virgens seguiram-n'a cantando; fez outro signal e os seraphins, os cherubins, os anjos, os archanjos e as dominações, acompanharam-n'a tocando viola, harpa e alaude.

S. José foi ter com Jesus Christo, que estava revendo as provas do Evangelho de S. Matheus

—Pst! disse S. José! vamos-nos embora.

—Para onde?

—Que te importa? és meu filho ou não és? O filho deve obedecer a seu pae.

E o Christo seguiu S. José com essa doçura que era a sua força e essa humildade que era a sua grandeza.

—Traze a tua côrte, disse S. José.

Jesus fez um signal, os apostolos formaram-se em torno d'elle; Jesus levantou a voz e vieram os santos, as santas e os martyres.

—Sigam-me! disse o Christo.

E os apostolos, os santos e as santas foram atraz d'elle.

S. José pôz-se á frente do cortejo e dirigiu-se para a porta.

Encontraram o Espirito Santo, que conversava com a pomba da Arca.

—Aonde vão? perguntou o Espirito Santo.

—Vamos fazer outro paraizo, lhe respondeu S. José.

—E porquê?

—Porque não estamos satisfeitos com este.

—E o Padre Eterno?

—Deixal-o.

—Oh! ahi ha trapalhada, disse o Espirito Santo. Dá-me licença que vá fallar n'isso a Deus Nosso Senhor?

—Vá, disse S. José, mas olhe que estamos com pressa.

O Espirito Santo entrou no oratorio do Padre Eterno, e foi-lhe poisar no hombro.

—Ha alguma novidade? perguntou o Padre Eterno.

—Uma novidade terrivel. Pois não sabe?

—Não.

—S. José vae-se embora.

—Fui eu que o puz na rua. Não se podia aturar. Eram todos os dias novas pretenções, novas exigencias. Parecia o dono da casa!

—Pois póde limpar a mão á pare de que a fez aceiada!

—Ora essa!

—S. José leva comsigo a Virgem Maria e Jesus Christo. A Virgem Maria leva os seraphins, os cherubins, as dominações, os anjos e os archanjos. O Christo, leva os apostolos, os santos, as santas e os martyres.

—Mas isso é uma revolta!

—Completa.

—Então quem fica comigo?

—Os prophetas Isaias, Izechiel e Jeremias.

—Oh! que tres massadores! Mas tu enganas te por força!

—Olhe!

O Padre Eterno pôz se á janella e viu uma immensa multidão que passeava diante da porta do paraizo. O resto do ceu estava deserto, com a excepção de um cantinho, onde conversavam os tres prophetas. O Padre Eterno percebeu a situação critica em que se achava.

—Que hei de eu fazer? peguntou o Padre Eterno ao Espirito Santo.

—Não conheço o estado da questão.

O Padre Eterno Contou-lhe tudo.

—Andou mal, disse o Espirito Santo. Devia ter mais contemplação com S. José.

—Ora essa!... um triste carpinteiro!

—A culpa é sua. Para que lhe deu uma posição Agora cabeça. E não ha remedio senão fazer-lhe a vontade.

—Pois vae-o chamar!... disse o Padre Eterno.

D'ahi a um momento o Espirito Santo estava á porta do paraizo. S. José tinha a mão na chave, e todos esperavam que elle abrisse a porta para sairem. Até S. Pedro, na sua qualidade de apostolo, tinha sido obrigado a acompanhar o Christo.

—Deus Nosso Senhor manda-o chamar, disse o Espirito Santo a S. José.

—Ora estimo.

—Póde mandar todos embora.

—Nada, nada, que podemos não chegar a um ajuste. Esperem.

—Esperaremos, disseram a Virgem e Christo.

S. José precedido pelo Espirito Santo, foi ter com o Padre Eterno.

—Aqui está S. José, disse o Espirito Santo entrando adiante.

—Má cabeça!

—Eu lhe digo: ou uma pessoa é santo, ou não é; se é, deve ter o direito de proteger os afilhados; se não é, deve ir-se embora.

—Está bem, não fallemos mais n'isso.

—Pelo contrario, fallemos; vamos a entrar em ajustes.

—Então que queres tu?

—Quero que os que tiverem confiança em mim possam contar comigo.

—Diabo!... se eu vou dar esse privilegio a toda a gente...

—Mas é que eu não sou para ahi qualquer...

—Ora, vá lá, transijamos.

—Nada, isto é pegar ou largar.

—Fica por metade?

—Ah! sim! regateamos? Pois boas noites.

S. José sahiu.

—Elle vae-se embora deveras?... perguntou o Padre Eterno.

—E correndo a bom correr.

—Vôa atraz d'elle, e traz-m'o cá.

O Espirito Santo vôou atraz de S. José e trouxe-o outra vez.

—Bem, disse o Padre Eterno, como eu já não governo em minha casa, faça-se a tua vontade.

—Manda chamar o tabellião, disse S. José.

—O tabellião!... ora esta! protestou o Padre Eterno. Não acreditas na minha palavra?...

—*Verba volant*, disse S. José.

—Chamem um tabellião, disse o Padre Eterno.

Veio o tabellião e S. José está hoje possuidor de um papel perfeitamente em regra que o auctorisa a fazer entrar no paraiso todos os seus devotos.

Ora digam-me agora se um santo como S. José se pode contentar ahi com um cirio, como qualquer santo de terceira ou de quarta classe, e se não merece um candieiro?

—Merece dez, merece vinte, merece cem! bradaram os lazzaroni. Viva S. José! Abaixo S. Pedro!

E foi assim que Napoles, enchendo-se de nichos de S. José, conseguiu ter illuminação.

"Povo de Aveiro,,

Em Aveiro, vende-se na «Pastelaria Cysne.»

Em Lisboa, na tabacaria Monaco.

Companhia Lisbonense

Com duas casas cheias representou-se no domingo e segunda-feira *O Raminho de Ouro*. E' uma das peças que muito tem agradado ás nossas plateias; e, na verdade, é uma linda mágica em 4 actos e 18 quadros. O desempenho não podia ser melhor, e tanto que os eminentes actores Rosas & Brazão foram assistir no domingo ao espectaculo d'esta companhia, trazendo de lá as melhores impressões pelo bom desempenho que os principaes interpretes souberam dar ao *Raminho d'Ouro*.

Em beneficio dos actores Ernesto Machado, Americo Gomes e da actriz Helena Rego, subiu á scena na passada quarta-feira—*Os Rouxinoes de Madrid*. A casa estava repleta.

O amador, nosso patricio, João Telles representou uma engraçada cançoneta—*Ai! Tenho mêdo!*—O desempenho foi muito regular, mostrando que tem veia para cómico.

TYPOGRAPHIA
— DO —
POVO DE AVEIRO
Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de typos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.
Especialidade em cartões de visita

AGRADECIMENTO

Maria Carolina da Costa Goes e Francisco Emilio da Luz e Costa, veem por este meio testemunhar a sua gratidão inolvidavel a todas as pessoas que se interessaram pelo estado de saude do segundo signatario e os que pessoalmente os foram cumprimentar durante a sua grave doença. Egualmente se confessam reconhecidos ás Ex.mas Redacções dos jornaes da localidade pela maneira desinteressada e affectuosa como se referiram ao seu estado.

Aproveitam tambem a occasião para participar ás pessoas das suas relações a sua nova residencia na rua do Gravito, onde offerecem a sua casa.

Aveiro, 22 de Maio de 1902.

HENRY SIENKIEWICZ
(auctor do «Quo Vadis»)
HANIA
primorosa novella polaca do celebre auctor do «Quo Vadis», «Sem dogma», «Diluvio», «Sigamol-o!»
Preço de cada volume illustrado com uma capa a côres
Preço 300 réis
Pedidos á Direcção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, ou aos seus correspondentes.

Vinho puro de Bucellas
Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.
Praça do Peixe—AVEIRO
N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

CONHECIMENTOS UTEIS

UTILIDADE DAS FORMIGAS

—*—

Em Mantua (Italia) montam os proprietarios dos olivedos uma colonia de formigas junto de cada arvore, convencidos de que, longe de ferirem os seus interesses, os defendem, destruindo as larvas de insectos que realmente prejudicam os fructos.

O botanico allemão Batreburg demonstrou experimentalmente que as formigas não atacam fructa alguma sã, nem tão pouco causam prejuizo ás arvores.

BIBLIOTHECA HORAS ROMANTICAS
O FOGO
Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. E' esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entrecho e pela sua fórma artistica e impeccavel.
DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES
Cada vol., 100
Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

ANNUNCIOS

DOMINGOS LUIL VALENTE D'ALMEIDA
VENDE cannos de ferro de todas as grossuras, para encanamentos de agua e gaz.
—Preços do Porto.
Candieiros, serpentinas, Bombas para agua.
16, R. DA CORREDOURA, 18
AVEIRO

SAPATARIA REIS
R. DOMINGOS CARRANCHO
(A'S CINCO RUAS)
AVEIRO
O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma installação mais apropriada.
Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encommendas por meeida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.
Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de córte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.
O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

BREAK
VENDE SE um quasi novo.
N'esta redacção se diz com quem tratar.

ROLÃO PALMA
ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.
Praça do Peixe
AVEIRO

Bibliotheca
HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, explendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

HISTORIA
DA
REVOLUÇÃO PORTUGUEZA
De 1820

Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriotica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanaes de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho authentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões luctaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas	60 réis
Cada vol. brochado..	1:500 »
Obra completa (4 vol)	6:000 »

A assignatura por fasciculos póde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria **Mello Guimarães.**

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA DO REPORTER

POR

JULIO VERNE

Com explendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOEIRA

AMBIÇÃO D'UM REI

ROMANCE PORTUGUEZ

Original de EDUARDO DE NORONHA

illustrado a côres por

Manuel de Macedo e Roque Gameiro

A distribuição nas provincias será feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

120 rs.—cada fasciculo—**120** rs.

Os pedidos d'assignatura pódem ser feitos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

Cathecismo Moderno

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

A' venda na Livraria Elysio —Rua Formosa, 282 PORTO

NOVIDADE LITTERARIA

ALMANACH HACHETTE

PARA 1902

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

50 rs. cada semana, no acto da entrega

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

traducção de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume **300**

A' venda o 1.º volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenrolam-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a côres

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

"O NORTE,,

Em Aveiro vende-se no Kiosque Central.

A NOVA PHASE
DO
SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160 —LISBOA.

Preço 200

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma scenas que fazem correr *laguinas*, tocam pellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55×0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA

ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,,

Fundada em **1862**

EM

Kaiserslautern

são estas as melhores machinas de costura

A machina *PFFAF* para costureiras.
A machina *PFAFF* para alfaiates.
A machina *PFAFF* para modistas.
A machina *PFAFF* para sapateiros.
A machina *PFFAF* para seleiros.
A machina *PFFAF* para correieiros.
A machina *PFAFF* para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.
Peçam catalogos illustrados que se remettem gratuitamente.
Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

Vinho de Bucellas

O legitimo vinho de Bucellas só se vende em Aveiro no estabelecimento de José Gonçalves Camellas, á Praça do Peixe.

CONSULTORIO DENTARIO
DE
THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º

Aveiro

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ALVARO DE MORAES FERREIRA

MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.

Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 4 a 44

ARMAZENS
DA
BEIRA-MAR
DE
MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéns para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir byciclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria,** bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79